

# William Wilson (1839): Da impossibilidade de fixar um indivíduo nos quadros do individualismo

---

**Edson Silva de Lima<sup>1</sup>**

UNIRIO

edsonhistoriauerj@gmail.com

**Flávia Maria Schlee Eyler<sup>2</sup>**

PUC-Rio

feyley@puc-rio.br

**Resumo:** Nesse artigo, analisamos o conto William Wilson do poeta e contista Edgar Allan Poe, publicado em 1839 no *Burton's Magazine*. Aqui esperamos poder aclarar questões relativa à identidade conduzida para o interior de si, na possibilidade gerida por uma identidade decomposta. Essa questão parece fundamental nos contos de Edgar Allan Poe, não apenas no que se refere ao tema do duplo mas também encarnado na história americana a partir de modelos do homem comum e do *self-made man*.

**Palavras-chaves:** identidade; indivíduo; ficção; Edgar Allan Poe; William Wilson.

**Abstract:** In this article, we analyze the William Wilson tale by the poet and short story writer Edgar Allan Poe, published in 1839 in *Burton's Magazine*. Here we hope to clarify questions about the identity driven into the self within the possibility managed by a decomposed identity. This question seems to be central to Edgar Allan Poe's tales, not only in regard to the theme of the double but also embodied in American history from models of the common man and the self-made man.

**Keywords:** identity; individual; fiction; Edgar Allan Poe; William Wilson.

*Recebido em: 28/3/2019*

*Aceito em: 15/09/2019*

---

<sup>1</sup> Doutorando do PPG em história - UNIRIO (2018) na linha de pesquisa Poder, Cultura e Representações e mestre pelo mesmo PPG em História (2017) na linha de pesquisa Ensino, Patrimônio e Historiografia. Possui graduação em história nas habilitações Licenciatura e Bacharelado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2015). Tenho experiência na área de História, com ênfase em Teoria e filosofia da História. Atuando em temas relativos a relação história e ficção, linguagem e experiência estética, literatura e sociedade, ensino de história e história intelectual e das ideias.

<sup>2</sup> Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1977), mestrado e especialização em História, pela Universidade Federal Fluminense (1985) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000). Atualmente é professora assistente - graduação e pós-graduação - da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de História, Antiga, Medieval e também com Teoria da Literatura. Temas de pesquisa: A construção de saberes a partir de textos da "literatura" greco-romana e medieval com ênfase na produção da verdade na historiografia antiga e na produção da verdade da representação nas tragédias e comédias antigas.

Ao analisar o conto *William Wilson*, publicado em 1839 no *Burton's Magazine*, esperamos poder nele aclarar questões quanto à identidade conduzida para o interior de si, na possibilidade gerida por uma identidade decomposta. Essa questão parece fundamental nos contos de Edgar Allan Poe, não apenas no que se refere ao tema do duplo, corriqueiro na literatura fantástica (ROAS, 2011, p. 20); mas também encarnado na história americana a partir de modelos do *homem comum* e do *self-made man*. Este último relacionado ao indivíduo que consegue subir na vida com o próprio esforço, em outras palavras seria a pessoa que alcançou a excelência material, moral ou intelectual por meio de trabalho árduo, firme e persistente, “*se fez sozinho*”, que “*fez o próprio caminho*” (DOUGLASS, 1992). Esse personagem de epíteto tão significativo no século XIX apresentou uma autonomia particular que o permitiu atravessar a malha social com êxito. Segundo Frederick Douglas, esse homem não tinha dívidas com as instituições que davam forma a sociedade. Portanto,

self-made men são os homens que, sob dificuldades peculiares e sem nenhuma ordinária ajuda de circunstâncias favoráveis, atingiram o conhecimento, utilidade, poder e posição e aprenderam por si mesmos melhores usos que a vida de cada um pode usar no mundo, e no exercício desses usos para construir a personagem digna. Eles são os homens que devem pouco ou nada para o nascimento, relação, ambiente amigável; a riqueza herdada ou meios aprovados de educação; que são o que são, sem a ajuda de quaisquer condições que os favoreçam pelo qual outros homens geralmente sobem no mundo e conseguem grandes resultados [Tradução minha]. (DOUGLASS, 1992)

Em outras palavras, seria o homem que não foi inventado por um grupo, classe ou conjuntura favorável; sua condição estaria naquele que está nas fronteiras observando os estabelecidos (ELIAS; SCOTSON, 2000). Foi obrigado a avançar sem assistência voluntária ou cooperação amigável da sociedade; seu esforço seria ainda maior na medida que em muitas ocasiões fora desafiado pelos escárnios sociais, ou seja, com forte intento para reprimir, limitar e frear seus passos (DOUGLASS, 1992). Em um mundo de instituições educacionais formadoras do “*Great Men*”, “*Representative Men*”, “*Peculiar Men*”, “*Scientific Men*”, “*Literary Men*”, “*Successful Men*”, “*Men of Genius*”, e “*Men of the World*”, este se sentiu impelido a buscar sua formação em outro lugar e, em meio a condições favoráveis, cavando para si o caminho para o sucesso e,

portanto, para se tornar arquiteto de sua própria boa fortuna (DOUGLASS, 1992). Essa personagem é próxima do *homem comum* presente nas colônias do norte como trabalhador livre ou assalariado, ou nas colônias do sul enquanto pequeno produtor proprietário de terras. No entanto, ambos têm trajetórias diferentes. Enquanto um encarna “o indivíduo à frente da razão de Estado, dos interesses de grupo, das exigências da coletividade”; o outro estaria arraigado nos princípios de uma comunidade político-religiosa preocupado com as forças coletivas. Portanto,

apesar de ser um homem desta classe não precisa reivindicar ser um herói ou de ser adorado como tal, existe genuíno heroísmo em sua luta e algo de sublimidade e glória em seu triunfo. Cada instância de tal sucesso é um exemplo e uma ajuda para a humanidade. Ele, melhor do que qualquer mera afirmação, dá-nos a garantia dos poderes latentes e recursos da masculinidade simples e sem ajuda. Isto dignifica o trabalho, lhe atribui honra, diminui a dor e depressão, dissipa a melancolia do desamparado e cansaço do coração dele a ponto de desmaiar, e permite ao homem aguentar o mais áspero e duras dificuldades nos incidentes da batalha pela vida, com o coração mais leve, com esperanças elevadas e uma coragem maior [Tradução minha]. (DOUGLASS, 1992)

Essa condição dupla entra em confronto na medida em que as redes de formação política do Estado Americano começaram a tomar forma, seja pela necessidade de organizar e inventar a nova nação e, portanto, a emergência de definir um modelo político a ser adotado; seja pela urgência de criar um território homogêneo e bem integrado. Nesse tocante, é preciso acentuar que um dos filósofos do mundo iluminista mais importante para os colonos foi John Locke (1632-1704). Segundo Leandro Karnal, o pensamento desse filósofo foi fundamental para a saúde do organismo americano: “o filósofo desenvolveu a ideia de um Estado de base contratual. Esse contrato imaginário entre Estado e os seus cidadãos teria por objetivo garantir os ‘direitos naturais do homem’, que Locke identifica como a liberdade, a felicidade e a prosperidade (KARNAL, 2013, p. 81)

Fica, pois, claro que dessa e de outras maneiras as ideias liberais chegaram à América contribuindo para consolidação do sujeito inclinado ao individualismo, sobretudo, com relação ao medo que o indivíduo fosse absorvido, escravizado pelos grupos e pelas necessidades coletivas. Esse indivíduo centrado em si, protagonista da história, de uma história feita não pelas forças coletivas, mas pelos indivíduos é também fragmento de suas potencialidades.

No território norte-americano três tradições de *self-made-man* apareceram como uma forma processual da história dar conta de articular indivíduo e sociedade como

vinha sendo desenhado pelo progresso, pela indústria e pelo capitalismo: o primeiro com raízes Protestantes tinha como matriz “*piety, frugality, and diligence*”; tributária de uma possível ordem social estável em que o fundamental era ser epíteto de respeitabilidade, tendo como *télos* a salvação como um sentido para o fim (CAWELTI, 1965, p. 4-5). A segunda e a terceira tradições, não apenas sobreviveram às vicissitudes, mas consolidaram os modos e os *manners*<sup>3</sup> dos americanos intervirem no mundo. Sendo a segunda tradição subordinada ao sucesso econômico que excedia a matriz religiosa de decoro e graça, pela ênfase na “*aggressiveness, competitiveness, and forcefulness*”. É sabido que a industrialização cresceu bruscamente nos Estados Unidos, reafirmando que o ideal de sucesso deveria caminhar para além do âmbito religioso. Dessa forma, a estrutura hierárquica de grande parte das novas empresas exigiu tais qualidades de seus empregados para que pudessem subir a escada do sucesso (CAWELTI, 1965, p. 4-5). Na terceira tradição, a ênfase foi posta na posição social alcançada em consonância com o sucesso econômico. Riqueza e status andavam de mãos dadas, formando o ideal de sucesso americano. John G. Cawelti afirma que este legado teve raízes na ideia de “*natural elite*” de Thomas Jefferson e “*development in Ralph Waldo Emerson’s philosophy based on individual self-reliance*” (CAWELTI, 1965, p. 6). Dessa forma, se tomarmos Jefferson como modelo de *self-made-man*, precisamos entender que “Ele defendeu [um]a visão, característica do século XVIII, de que os homens eram essencialmente semelhantes em suas faculdades mentais” (TRILLING, 2015, p. 12-13), no entanto, Lionel Trilling explicou que “isso não quer dizer que a mente de todos possua a mesma velocidade, a mesma agilidade ou a mesma força, mas apenas que todos os homens são dotados de razão” (TRILLING, 2015, p. 12-13). Esse argumento endossa a hierarquia social, aos modos da República de Platão, em que há necessidade de uma elite governante dotada de inteligência, sagacidade e perspicácia para o melhor governo (NUSSBAUM, 1995). Sobremaneira esse argumento coloca em escala crescente as características de um *self-made-man*, pronto a concorrer no mundo dos negócios, também a se portar como os “bons homens” da elite americana e ter um leve tino para liderança política. A análise de *William Wilson* tem, portanto, como pano de fundo responder questões como: em que medida esse indivíduo bem definido e liberal,

---

<sup>3</sup> *Manners* em uma tradução livre quer dizer maneiras, mas inclui, para além dos modos educacionais, os costumes de dada sociedade, no caso a americana.

perdeu sua tônica na condição de ser um fragmento de si, ou seja, quando deixou de ser um indivíduo universal para ser o espaço do *cogito* partido?

Todo incômodo parece pequeno na leitura desse conto, não por sua dimensão narrativa, que demonstra uma elaboração composicional muito peculiar aos trabalhos de Edgar Allan Poe, ou seja, uma preocupação com o efeito, com o ritmo e com a dimensão poética<sup>4</sup>. Refiro-me, portanto, a teia que prende o leitor. Se por um lado ele procura dar desfechos, apontar saídas, imprimir sensações e inquietações; por outro, abre janelas e as deixam abertas. Isso implica, de alguma maneira, fazer do receptor o outro do duplo. De modo que a história se introduz como enigma: “admitam por momentos que me chamo William Wilson. O meu nome não deve sujar as páginas em branco que tenho na minha frente. Tenho sido o horror e abominação do mundo – a vergonha e o opróbrio de minha família!” (POE, 1965, p. 108). William Wilson foi um indivíduo que ainda criança tirava proveito das condições de sua educação informal<sup>5</sup>, bem como da educação formal<sup>6</sup>, era voluntarioso, independente e autoritário:

Fracos de espírito e sofrendo, além disso, do mesmo mal, meus pais pouco ou nada fizeram no sentido de modificar os maus instintos que eu tinha. No entanto, fizeram algumas tentativas; mas sem energia, sem direção, falharam inteiramente, redundando num triunfo completo para mim. Desde então, passei a mandar em minha casa, ditando ordens numa idade em que poucas crianças pensam em deixar o regaço materno, entregue ao meu livre-arbítrio, senhor absoluto de todas as minhas ações. (POE, 1965, p. 112)

Também subjugava seus amigos e dominava todas as situações que lhe era possível, “governava” seu internato com mãos de ferro:

O meu caráter ardente, entusiasta e dominador, deu-me uma situação preeminente entre os meus colegas e, gradualmente, uma ascendência poderosa sobre todos os que eram mais novos ou da mesma idade que eu; sobre todos, exceto sobre um (POE, 1965, p. 112).

---

<sup>4</sup> Características que são elaboradas no ensaio *O Princípio Poético* (1848) e endossada nos ensaios *Filosofia da Composição* (1846), *Análise racional do verso* (1842) e *Eureka: Ensaio sobre o universo material e espiritual* (1848).

<sup>5</sup> Entendido aqui como uma referência ao seio familiar. Como primeiro espaço de sociabilidade onde cada indivíduo inicia sua vida formativa. Ver. (DURKHEIM, 1955. p. 25-56).

<sup>6</sup> Educação formal compreendida como aquela onde o desenvolvimento das habilidades e competências acontecem no espaço escolar, sob o molde do conhecimento científico. Cf. (GADOTTI, 2005).

Todavia, desde que ingressou no colégio, “sempre em seu calcanhar” estava um sujeito que seguia seus passos – e isso não fica claro, pois de imediato percebemos que o perseguidor que tanto irrita William é ele mesmo, não devemos, portanto, entender essa afirmação metaforicamente e nem descendo a verticalizações puramente teóricas.

Essa exceção era um aluno que, sem ter comigo qualquer parentesco, tinha o mesmo nome de batismo e o mesmo nome de família, fato esse pouco notável, visto que o meu nome, apesar da sua nobre origem, era um nome comum, um desses nomes que, desde tempos imemoriais, são também propriedade do povo. (POE, 1965, p. 112).

A narrativa deixa evidenciada que é a percepção do narrador que impõe uma perseguição, de imediato uma cosmogonia particular, a dor de ser ele mesmo – ter o seu nome, seu nascimento e sua aparência física: “sou o mais abandonado dos proscritos! Para mim, o mundo, as suas horas, as suas douradas aspirações, tudo acabou! E, entre as minhas esperanças e o céu, paira, eternamente, uma espessa nuvem negra, sinistra e ilimitada” (POE, 1965, p. 108). De modo geral, o caminho traçado me parece seguir uma cronologia. Iniciado em um relato de sua infância “reinante”, passando pela sua forma particular de “sobreviver” ao internato e chegando a sua vida desregrada e boemia.

A corrupção, em geral, atinge os homens gradualmente, mas de mim a virtude separou-se de uma vez como se fora um manto. De um salto gigantesco passei, duma perversidade relativamente banal, vulgar mesmo, a enormidades dignas dum Heliogábalo. (POE, 1965, p. 108).

Contudo, até aqui, o que intriga, para além de sua perversidade confessa, é a rejeição por um nome desconhecido, o seu, e o incômodo da descoberta de um homônimo seu *stalker*<sup>7</sup>. Seu pseudônimo, certamente acoberta algo subterrâneo, suas recordações dos *anos de miséria e crime*, por exemplo.

Quase a transpor o sombrio vale, suspiro pela piedade – ia escrever pela simpatia! – dos meus semblantes. Queria convencê-los de que fui arrastado por forças superiores à resistência humana. Desejaria que descobrissem para mim, no vasto deserto de crime que vou descrever, um pequeno oásis de *fatalidade*. Desejaria que concordassem – e talvez não possam deixar de concordar – em que jamais, num mundo repleto de tentações,

---

<sup>7</sup> *Stalking* é um termo inglês que designa uma forma de violência na qual o sujeito ativo invade repetidamente a esfera de privacidade da vítima, empregando táticas de perseguição.

apareceu uma igual a esta. E que nunca um ser humano sucumbiu vítima de torturas semelhantes!. (POE, 1965, p. 108)

Percebemos nessa história dois pontos de atravessamento importantes tanto para condição de leitor interpretante, quanto para o leitor personagem, também perseguidor do “herói” da trama. O primeiro ponto se refere ao indivíduo universal que carrega consigo marcas comuns do interior de uma sociedade; no segundo é um ser autônomo e independente que na fissura social e no limite possível das configurações possíveis, categoriza e conforma cada singularidade, compondo um tipo (RICOEUR, 1987, p. 65). Segundo Paul Ricoeur,

no sentido original, o indivíduo não é apenas uma amostra indivisível da espécie humana, mas de qualquer espécie, isto na acepção lógica do termo. O percurso do conceito faz-se, pois, do lógico para o ideológico, através dos estádios em que o indivíduo se revela progressivamente, se me é permitido dizê-lo, cada vez mais humano. (RICOEUR, 1987, p. 65-66)

Assim também, podemos perceber que esse indivíduo duplo, partido e decomposto, carrega como cicatriz sua própria vergonha, de modo algum revelado. Portanto, o processo de individualização pela designação do indivíduo perdeu e ganhou na mesma curva seu operador de segundo nível, *o nome próprio* (RICOEUR, 1987, p. 68).

O meu nome de família, falho de graça e de elegância, e mesmo o meu nome próprio, tão trivial e tão plebeu, eram e sempre foram para mim motivo de grande desgosto. Logo no dia da minha chegada, apresentou-se também o outro William Wilson; isso foi o suficiente para que eu sentisse contra ele certa má vontade, visto que daí em diante ouviria pronunciar o dobro de vezes aquelas sílabas que eram o tormento dos meus ouvidos. (POE, 1965, p. 114)

Tão logo esse operador limitasse sua expansão centrando o indivíduo em uma negação, – *eu não sou o outro* –, a sua verve disponibilizaria uma polaridade transpassada, sendo esta, portanto, uma forma de singularizar o indivíduo, como exceção de todos os outros (RICOEUR, 1987, p. 70). Nessa mesma dosagem, o pseudônimo William Wilson, seria a sua descrição definitiva, na medida em que centra seu caráter individual. Em outras palavras o reconhecimento de ser o si mesmo.

Apenas eu notava essa imitação perfeitíssima; e, desse modo, eu não tinha de suportar senão os sorrisos enigmáticos e singularmente sarcásticos do meu homônimo, que, contente com produzir em mim o efeito desejado, parecia deleitar-se secretamente em apunhalar-me, sem pensar no êxito que o seu engenho por certo facilmente conquistaria. (POE, 1965, p. 115)

Nessas vias de entrelaçamentos e atravessamentos, o referencial de *si* se mostra como *tu*, carregando nessa afirmativa a ideia da existência de um outro; mas este não estaria carregado de uma designação efetiva, porque ainda se encontra dependente da raiz, *eu digo que*, ainda afastado do *digo eu*. Portanto, dessa raiz “a função indispensável na linguagem é designar de forma permanente, a mesma coisa, ao inverso dos indicadores cujo valor designativo, é móvel” (RICOEUR, 1987, p. 70).

Copiava-me os gestos e as palavras; imitava a minha maneira de vestir, o meu andar, os meus modos e, enfim, nem sequer a minha voz lhe havia escapado, não obstante o seu defeito. Não podia imitar o meu tom alto, mas o timbre e a entonação eram idênticos. Quando eu falava baixo, a sua voz diz-se-ia o *eco da minha*. (POE, 1965, p. 115, grifo meu)

Enquanto ele, em si mesmo não encontrava distinção na sua autorrepresentação e na compreensão de que há algo de indelével nele, a saída imediata seria o Outro. William Wilson não encarna o duplo enquanto cópia, uma “mimese” de si, mas como outro que não é ele, pois afirmando disse: “não parecia, igualmente, cheio de ambição, dessa ambição que em mim me impelia dominar” (POE, 1965, p. 115). Já de saída o duplo, não é o mesmo, mas o outro.

Não obstante a rivalidade de Wilson e o seu insuportável espírito de contradição, não chegamos nunca ao ódio absoluto. Todos os dias tínhamos, na verdade, uma questão, na qual Wilson me concedia publicamente a palma da vitória, não deixando, porém, de me fazer sentir, de qualquer modo, que a vitória lhe pertencia. E os nossos caracteres, iguais em muitos pontos, teriam desabrochado em verdadeira amizade, se não fosse aquele sentimento de reserva e de hostilidade. (POE, 1965, p. 113)

O interlocutor do protagonista do conto é, nesse sentido, seu eco dissonante. Não procuramos, portanto, *não ditos*, mas os emaranhados discursivos do *ipse* (si-mesmo). Desde já liberando os protocolos de leitura, deixamos claro que a condição de ser outro não é o centro do texto, mas seu negociador. A negação de si na fixação do nome

próprio em favor de um nome *outré* evidencia uma preocupação com as fronteiras entre um encontro com a ipseidade<sup>8</sup> e a mesmidade<sup>9</sup>.

Na verdade, é-me difícil definir os verdadeiros sentimentos que eu nutria por ele. Eram uma mistura confusa e heterogênea: animosidade petulante, sem chegar a ser ódio; amizade, receio, grande temor e uma curiosidade imensa com muito de expectativa. O psicólogo decerto já adivinhou que éramos companheiros inseparáveis. (POE, 1965, p. 113)

Nesse sentido, o que chamamos aqui de identidade decomposta dispõe de, pelo menos, três níveis significativos: *individualização, identificação e imputação*. Essa cadeia que estamos desembaraçando no corpo do conto compõe o conceito de indivíduo, que tem como interlocutor imediato à acepção dualista de Louis Dumont em seu ensaio sobre o individualismo. Nele, Dumont deixa claro que no “sentido empírico, o indivíduo designa uma amostra indivisível da espécie humana, tal como encontramos em todas as sociedades” (RICOEUR, 1987, p. 70). Essa afirmação mostra sua preocupação direta com a captação do que seria o “universal da cultura”. Na outra ponta com sentido moral, o indivíduo “designa um ser independente e autônomo, não social, tal como encontramos na nossa ideologia moderna do homem e da sociedade” (RICOEUR, 1987, p. 70). Nesse ponto, teríamos o acirramento do próprio processo de individualização, ou seja, embora constituído em sociedade, em grupos ou em comunidades, o indivíduo, tomaria uma posição de isolamento frente aos demais para assim encontrar o lugar privilegiado de estar no mundo e não fora dele (DUMONT, 2000). Para Ricoeur,

Os atores do drama do individualismo estão agora nos seus lugares, o individualismo como ideologia nasce da pretensão de engendrar a dimensão cosmopolítica e o próprio espaço público a partir apenas da ipseidade ética, como o concurso do seu complemento mutualista, mas sem a dimensão societal originária. (RICOEUR, 1987, p. 85)

A preocupação do filósofo francês, portanto, foi mergulhar nesse termo complexo e às vezes homogêneo de indivíduo, para compreender seus níveis transitórios. Sendo, no primeiro nível, a maneira “como alguém que se identifica a si mesmo dizendo *eu*

---

<sup>8</sup> Ipseidade seria a parte incomum, una e indivisível que torna o indivíduo como ser único, singular, como nenhum outro era, o que o mesmo produz, projeta e representa de si, em si e para si.

<sup>9</sup> Mesmidade é a predicação que torna o sujeito um ente social, da espécie humana, como era dito pelos outros e pelas relações entre língua, sujeito e sociedade. Dessa forma é a parte do sujeito que é construída socialmente e comunga da experiência e historicidade comum.

(ipsei)”, o segundo nível que “só se revela na dialética entre ipseidade e mesmidade” (RICOEUR, 2014, p. 146) a partir da vida enquanto pessoa que fez e que sofreu, portanto, que experimentou e experienciou (identificação) o mundo das coisas; e por fim, colocou o indivíduo na cadeia do que pode fazê-lo mais humano, ou seja, diretamente relacionado às implicações éticas de “comprometer-me a mim próprio” (RICOEUR, 2014, p. 67). Os relatos de William, pós-escola, sobre sua vida agora no *Eton College* desencadeia feixes de outros em si mesmo. Na medida em que sua perversidade se alimenta, sua autorreferência entra em conflito, engendrando o que vou chamar aqui, por falta de melhor terminologia, talvez, de ficção de si (KLINGER, 2007). Nesse tocante, o real se confunde com o imaginário, com o possível e com a alucinação; fazendo inclusive que seus desdobramentos percolem<sup>10</sup> sobre a dúvida do *acontecimento*. Disse William Wilson: “não será tudo isso um sonho, na verdade? Acaso não morrerei vítima do horror e do mistério da mais estranha de todas as alucinações?” (POE, 1965, p. 109).

Geralmente os fatos da vida infantil só nos fornecem impressões que são mal definidas. Tudo são sombras, vagas e irregulares lembranças, difusa confusão de prazeres pueris e mágoas sem fundamento. Não sucede assim comigo. Devo ter sentido minha infância, com o vigor de um homem-feito, tudo aquilo que ainda hoje tenho gravado na minha memória, em traços indelévels, tão profundos e tão duradouros como os da cunhagem das moedas cartaginesas. (POE, 1965, p. 111)

Há uma obrigação autoimpelida de desconverter sua alma naquilo que mais lhe atrai, ser outro. As aparições de Wilson se tornam frequentes e de modo geral sempre com o intuito de desfazer encantamentos e de quebrar molduras montadas a partir de estratégias muito bem elaborados por William. Este, por conseguinte, dá início a uma fuga compulsória, em busca de sua liberdade.

*Fugi em vão!* Triunfante, o meu amaldiçoado destino perseguiu-me, mostrando-me, à evidência, que o seu misterioso poder mal começara. Apenas cheguei a Paris, tive imediatamente provas da influência de William Wilson. Os anos decorriam, e ele sempre a me perseguir. Miserável!. (POE, 1965, p. 123)

Nessa perseguição ininterrupta uma voz sussurrante se torna uma característica identitária interessante. Um assédio que continuamente se aproxima lenta e

---

<sup>10</sup> Quer dizer passar (um líquido) através de um meio para filtrá-lo ou extrair substâncias.

sorratamente como fumaça na fresta de uma porta. Sob uma longa capa ou como uma revelação ganha particularidade e se personifica. A forma encontrada para colocá-los frente a frente, o “herói” e seu perseguidor, é a ressonância particular da voz; sussurros que trazem consigo a ideia de *espectro*, de fantasmagoria e de sombra. Nesse sentido, se apresenta aqui uma identidade diluída. Dissolvida no ato e na ação, na intervenção e no procedimento.

Antes, porém, que a luz se extinguísse, pudemos ver quem entrava. Era um indivíduo aproximadamente da minha estatura, embuçado numa capa. Agora porém, imersos em profunda escuridão, sentíamos a sua presença entre nós. E, antes que pudéssemos nos recobrar do enorme espanto que ele provocara com a sua violenta entrada, ouvimos-lhe a voz: – Meus senhores – disse ele com *uma voz muito baixa*, ainda que suficientemente audível, uma voz inesquecível, que me causou arrepios até a medula dos ossos. (POE, 1965, p. 121)

Não estou partindo de uma invenção ou representação de polos convexos; a ambiguidade aqui é perdida, e a dicotomia falha em sua polarização. A possibilidade aberta nesse conto é um encontro consigo mesmo, mas que tensiona constantemente a possibilidade da *imputação*. Nota-se, portanto, uma obrigatoriedade nativa do meio social de ter recíproca; como acordos assinados ao nível da linguagem, enquanto disposição e imposição do outro.

No lugar onde momentos antes eu nada vira, havia agora um grande espelho (pelo menos assim me pareceu na minha exaltação). Aproximei-me dele cheio de terror e vi caminhar para mim a minha própria imagem, com o rosto extremamente pálido e todo salpicado de sangue, avançando a passos lentos e vacilantes. (POE, 1965, p. 125)

Nessa dinâmica de pergunta e resposta, a imputação, a obrigação no jogo do texto se deu em uma dialética atualizada pela fusão de horizontes, tanto estéticos quanto experimentais. Seria preciso não apenas suspender a descrença, para dar crédito ao que está sendo dito; mas também, indagá-lo sobre seus vazios, sobre suas lacunas, sobre sua profusão de sentidos. O horizonte do autor encarnado em um encontro com o tu, o eu e o outro dão certa ingerência de sentido. Nos parece que a dimensão identitária atravessaria o texto enquanto força constitutiva da identidade pessoal<sup>11</sup>, mas também

---

<sup>11</sup> Para Edgar Allan Poe: “a identidade que se chama pessoal, Locke, penso, define-a com realismo, como consistindo na conservação do ser racional. E desde que por pessoa compreendemos uma essência inteligente dotada de razão, e desde que há uma consciência que sempre acompanha o pensamento, é ela

como princípio poético. Muito embora Edgar Allan Poe tivesse a necessidade de escrever para sobreviver, tinha uma paixão sem igual pela poesia. E esse encantamento que teve raízes na sua infância colocou em evidência o desprendimento para com o mundo, agradando a si mesmo para que o efeito desejado fosse alcançado pelo leitor. Dizia ele que escrever estava relacionado ao “m[s]eu próprio gosto, ou que mais profunda impressão marcaram na [sua] minha imaginação” (POE, 1965, p. 83). Essa chave atribui certo controle quanto às condições de possibilidades necessárias a dimensão valorativa de seus textos. Ele deixa claro que “é preciso observar que um poema [conto] só merece este título enquanto emociona, elevando a alma. Há, portanto, uma preocupação com o efeito a ser alcançado. O valor do poema [conto] está, por conseguinte, na razão da emoção exaltante” (POE, 1965, p. 83). Embora em seu texto de 1850, *O Princípio Poético*, ele tenha discursado sobre *A criação rítmica da Beleza*, ou seja, o poema; o centro de seu discurso apresenta, segundo ele, o único que teria força e dignidade para relacionar dever e verdade, o árbitro do gosto [leitor] (POE, 1965, p. 89). William Wilson tem esse atravessamento muito claro em sua forma; se por um lado traz consigo indagações, lacunas e um desfecho que nos faz retomar toda a história, por outro lado sua carga poética possui uma composição agrilhoadada aos princípios poéticos de composição<sup>12</sup>. De modo que fica claro seu desígnio em tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou a intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático.

Você venceu, e eu pereço. Mas daqui para o futuro também você estará morto. Morreu para o mundo, para o céu e para esperança! Existia em mim. Olhe bem agora para a minha morte, e nessa imagem – que é a sua – você verá o seu próprio suicídio. (POE, 1965, p. 125)

Desta forma, a questão do enigma, a impossibilidade de fixar um indivíduo que não permite limitar-se em um nome, mas que dotado de um pseudônimo cria para si um outro carregado de indicadores de designação do indivíduo, se apresenta também como um selvagem perdido nas rodovias esquecidas. Um indivíduo composto e decomposto em si mesmo.

---

que nos faz, a todos, sermos o que chamamos nós mesmos, distinguindo-nos por isso e outros seres que pensam e dando-nos nossa identidade pessoal”. Cf. POE, Edgar Allan. Morelle (1965, p. 199-200).

<sup>12</sup> Cf. POE, 1965. p.125.

Referências Bibliográficas

ALKIMIN, Martha. Ficções: entre o prelúdio de um engano e a construção de modelos de realidades. In: VERSIANI, Daniela Beccacia; OLINTO, Heindrun Krieger (Org.). *Cenários construtivistas: temas e problemas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

BAUDELAIRE, Charles Pierre. *Ensaio sobre Edgar Allan Poe*. Trad. Lúcia Santana Martins. São Paulo: Ícone editora, 2003.

CAWELTI, John G. *Apostles of the Self-Made Man*. Chicago: University of Chicago Press, 1965.

DOUGLASS, Frederick. Self-Made Men. In: BLASSINGHAME, John; MCKIVIGAN, John (Ed.). *The Frederick Douglass Papers*. Series One, vol. 4. New Haven and London: Yale University Press, 1992, p. 545-75.

DUMONT, L. *O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. 4ª ed. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não formal. In: INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE). *Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problèmes ansolution?* Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.

GALLAGHER, Catherine. Ficção. In: MORETTI, Franco (Org.) *A Cultura do Romance*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p.629-658.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, L. C. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: \_\_\_\_\_ et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 63-82.

KARNAL, Leandro (Org). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2013.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LAWRENCE, D. H. Edgar Allan Poe. In:\_\_\_\_\_. *Estudos sobre literatura clássica americana*. Tradução Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2012.

TRILLING, Lionel. *A mente no mundo moderno: conferência Jefferson em humanidades*. Tradução Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2015.